

Sylwia Mikołajczak
Uniwersytet im. Adama Mickiewicza w Poznaniu
era104@amu.edu.pl

Caraterísticas fonéticas do Português da Ilha Terceira

Resumo:

Um contexto histórico e geográfico da expansão natural de uma língua leva a uma formação de dialetos. O objetivo deste artigo é apresentar alguns exemplos de distintas características fonéticas do Português falado na Ilha Terceira (Açores). O dialeto revela tais propriedades fonéticas como *release* de vogais anti-hiáticas e ditongação, das quais a primeira aparece quase unicamente na Ilha Terceira. No entanto, outras características fonéticas como labialização da vogal [u], que é muito comum nos grupos ocidental e oriental das ilhas, não se aplicam ao dialeto da Terceira. Por isso, prevê-se que as características dos dialetos do Norte de Portugal tenham tido mais influência sobre o Português da Ilha Terceira do que os do Sul.

Palavras-chave: dialeto terceirense, traços fonéticos, *release* de vogais anti-hiáticas, ditongação, harmonização vocálica.

Abstract:

Phonetic characteristics of the Portuguese island of Terceira

A historical and geographical context of a natural expansion of a language leads to a formation of dialects. The aim of this article is to present some examples of

phonetic, distinctive characteristics of Portuguese spoken in Terceira Island (the Azores). The dialect reveals such phonetic properties as anti-hiatic vowel release and *diphthongization*, of which the first is almost totally limited to Terceira Island. Whereas, other phonetic characteristics such as labialization of the vowel [u], commonly occurring in the western and eastern groups of the islands, does not apply to the dialect of Terceira. Therefore, it is anticipated that the features of the northern dialects of Portugal had more influence on the Portuguese of Terceira Island than the southern ones.

Keywords: dialect of Terceira Island, phonetic characteristics, anti-hiatic vowel release, *diphthongization*, vocalic harmonization.

Introdução

A língua portuguesa apresenta configurações linguísticas diferentes inclusivamente na variante europeia, conforme o lugar onde é falada, embora a distância geográfica seja relativamente pequena. A língua muda de acordo com fatores históricos, sociais e geográficos. O propósito deste artigo é apresentar algumas particularidades fonéticas do Português falado na Ilha Terceira.

Neste artigo apresentamos os resultados da primeira etapa de uma pesquisa sobre o dialeto açoriano falado na Ilha Terceira. O trabalho realizado até agora teve por objetivo responder a quais as características atuais do açoriano da Ilha Terceira em termos de qualidades fonéticas. Escolhemos o dialeto terceirense para constituir o assunto do nosso estudo porque essa forma dialetal reflete uma evolução espontânea local, formando-se em isolamento e com alguns contatos com línguas que marcaram presença na ilha (flamengo, espanhol e inglês). Outro motivo da nossa escolha do tema é o fato de o Português da Ilha Terceira não ter sido tão bem estudado e descrito como o dialeto micalense. De qualquer forma, não se antevê a apresentação de uma visão completa de uma temática tão complexa à qual ainda não se dedicou uma pesquisa aprofundada.

Fundo histórico da formação do dialeto terceirense

A questão da formação do dialeto da Ilha Terceira está intimamente ligada à história desta região. O nativo ilhéu, graças ao isolamento em que viveu em tempos, ainda usa atualmente particularidades fonéticas próprias dessa região. Este pequeno trabalho tem como objetivo uma breve descrição dessas peculiaridades no falar específico dos habitantes do arquipélago. No entanto, antes de as descrever seria adequado mencionar alguns fatos históricos e sociais com os quais se relacionam as características linguísticas da Ilha Terceira, a segunda ilha mais populosa dos Açores, e localizada a Leste das cinco que compõem o Grupo Central do arquipélago.

Embora haja muitas hipóteses em relação à primeira descoberta do arquipélago, nenhuma delas tem como prova um documento escrito que possa comprovar tal facto. A língua portuguesa foi falada pela primeira vez nos Açores, provavelmente, em 1427 quando o navegador do rei, Diogo de Silves, desembarcou nas ilhas. A colonização das novas terras começou um pouco mais tarde. O que se sabe concretamente é que Gonçalo Velho chegou à ilha de Santa Maria em 1431, decorrendo nos anos seguintes o (re)descobrimento das restantes ilhas do arquipélago dos Açores, no sentido de progressão de leste para oeste. Os portugueses, animados pelo sucesso da exploração da Madeira, começaram a colonização do Arquipélago dos Açores com grande entusiasmo. A localização privilegiada dos Açores tornou-os desde os primeiros anos dos descobrimentos um ponto importante entre o Velho e o Novo Continente, que depressa se transformou em base de partida das caravelas que iam para as terras desconhecidas do Ocidente.

Em 1439, o Infante Dom Henrique mandou enviar para as ilhas os primeiros rebanhos de ovelhas e os colonizadores continuaram a povoar as ilhas de Santa Maria e São Miguel, onde se iniciou o povoamento com famílias oriundas do Alentejo, Algarve e da Estremadura. Como escreve Gaspar Frutuoso [*apud* Blayer, 2004: 43] nas suas crónicas, escritas entre 1565-1589, os primeiros povoadores do

arquipélago eram gente do sul, do centro e do norte, representantes da totalidade do país daquela época. Outras fontes dizem que entre os que vieram para os Açores estavam judeus, cristãos-novos, mouros e flamengos, estes últimos por influência de D. Isabel, esposa de Filipe III. Porém, desde o início o Português falado nas ilhas não era uniforme e foi evoluindo “com forças externas e internas – sobretudo internas” [Helmut Lüdke, Lindley Cintra, Paiva Boléo, Leite de Vasconcelos, Gonçalves Viana *apud* Blayer, 2004: 45].

A Ilha Terceira foi a terceira paragem do arquipélago a ser reconhecida por navegadores portugueses, provavelmente entre finais de 1420 e inícios de 1430, a seguir às descobertas anteriores de Santa Maria e São Miguel. O povoamento é mais tardio do que no grupo oriental, pois só em 1449, o Infante D. Henrique incumbe Jácome de Bruges, flamengo de nascença, de colonizar a ilha. Apesar deste primeiro investimento, o povoamento efetivo da ilha só terá sido realizado a partir de 1470.

Nos séculos XV e XVI, a relevância da baía de Angra não só é notória como entreposto comercial interno, promovendo o circuito de produtos regionais produzidos nas demais ilhas, como assume ainda maior protagonismo como escala inter-continental para as naus que navegavam entre a Europa e as distantes América e Índia. A cidade de Angra, fundada em 1534, torna-se o centro político, económico e religioso dos Açores e para ela fluem metais preciosos e especiarias exóticas que tornam a ilha num alvo privilegiado e continuado de corsários ingleses, franceses, castelhanos e flamengos.

Em 1583, os hispânicos conseguiram alcançar o domínio insular após violentos combates, mas com a Restauração de 1640, Portugal recupera a independência e a Terceira solidifica a sua posição central no arquipélago.

No século XVII, a população da ilha já era suficientemente grande para que se iniciassem os movimentos emigratórios dos teiceirenses para o Brasil, seguidos, nos séculos seguintes, pelas correntes de emigrantes para os Estados Unidos e Canadá [Câmara Borges, 1960: 7-8].

Durante a Segunda Guerra Mundial, permite-se aos britânicos instalarem uma base militar próxima da Praia da Vitória, que

posteriormente passa para a Força Aérea Norte-Americana [*ibidem*, 1960: 2]. A conhecida e ainda hoje operacional Base das Lajes traz novas influências aos habitantes locais.

Acabámos de enumerar os mais importantes factos da história da Ilha Terceira com o objetivo de apresentar quais foram os factos históricos que se permeiam com os factos linguísticos. Sem dúvida, o meio geográfico e o isolamento das primeiras décadas da história açoriana influenciaram na formação do dialeto terceirense que se tornou uma marca distintiva da identidade do povo dessa região.

Os traços específicos da fonética do Português da Ilha Terceira

Como afirmam os linguistas Luísa Segura e João Saramago “a língua portuguesa, quando comparada com as suas congêneres românicas, aparece como relativamente uniforme, apresentando reduzida diferenciação dialectal” [2001: 221]. No entanto, nas linhas que se seguem, os autores constataam que

(...) qualquer falante do português de qualquer região não tem dificuldade em compreender um outro de qualquer outra parcela do território, ainda que afastada (excepção feita talvez para os continentais relativamente aos falantes de alguns dos dialectos insulares, nomeadamente os da Madeira e de São Miguel) [*ibidem*: 221].

Embora a diferenciação dialetal alcance todos os níveis de uma língua, o fator fonético juntamente com o fator lexical formam os elementos mais distintivos. Por outras palavras, uma pessoa comum identifica com bastante facilidade de que região é o falante, baseando-se nos traços fonéticos e lexicais.

O português insular dos Açores tem três notáveis particularidades fonéticas: labialização de vogais orais acentuadas [Leite de Vasconcelos, 1892: 291], a monotongação de ditongos orais e *release* de vogais anti-hiáticas, “sendo o último aplicado particular e quase

exclusivamente ao grupo central” [Blayer, 2004: 46]. O que está relacionado com a forte presença da vogal [u] labializada na posição tónica [ü], com a pronúncia aproximada a [ju] e que resulta numa deslocação do sistema vocálico, transformando-se assim num sistema assimétrico, distinto do Português padrão, é um traço que distingue o falar da ilha de São Miguel. Em geral, nos Açores o sistema vocálico participa da mutação que se desenvolve no vocalismo das línguas românicas, sendo mais proeminente em São Miguel e aparecendo com vários graus de acentuação nas demais ilhas [Blayer, 1992]. Em outros falares, este fenómeno existe mas não é tão frequente e marcado. O segundo fenómeno dos que mencionamos, nomeadamente a monotongação, é notável em São Miguel e existe, embora menos acentuado, no grupo ocidental (Flores, Corvo) e no grupo central (Graciosa, Pico).

O Português terceirense tem, no entanto, a sua característica própria. A característica mais destacada da fala açoriana, e em particular da fala da Ilha Terceira, é o que podemos chamar de vogal acentuada instável (há casos similares também na ilha da Madeira). Neste fenómeno fonético, a vogal acentuada apresenta-se modificada pelo timbre das vogais ou das semivogais átonas que a precedem. A característica fonética da vogal tónica muda sempre quando na sílaba anterior existem as vogais [i] ou [u] ou as semivogais [j] ou [w]. Neste caso, aparece imediatamente antes da vogal acentuada, a semivogal aproximada na articulação à vogal ou semivogal precedente, formando-se assim um ditongo crescente, p. ex.:

ceifar [sei'fjar]
 buscar [buszk'war]
 fumar [fum'war]
 pintar [pint'jar]
 pernas [pw'ernasz]

Ao observar os exemplos da realização deste fenómeno, nota-se que a ditongação com [w] é comum quando precedida pelas consoantes *p*, *b*, *m*, como nos seguintes exemplos:

porco [pw'orku]

bicho [b^w'iszu]
 morrer [m^w'orer]

Mas, ocorre também quando a vogal é precedida pelas labiodentais: *f*, *v*, dentoalveolares *t*, *d*, *n*, *l*, *r*, *s*, *z*, ou a palatal *lh* [Blayer, 1992: 50]:

cozido [cuz^w'ido]
 servido [surv^w'idu]

Este fenómeno atingiu maior intensidade na Ilha Terceira, onde se tornou um traço individualizador da fala terceirense, enquanto nas outras ilhas do arquipélago é menos frequente.

Uma característica similar destaca-se na fala da Região Douro Litoral, com a capital no Porto, onde as vogais médias acentuadas [e] e [o] se submetem à ditongação correspondentemente em [je] e [wo]. Daí resultam as pronúncias:

dizer [diz'jer]
 Porto [p^w'ortu]
 nervoso [nirβ^w'ozu]

Reparem que nos exemplos com as palavras *cozido* e *servido* é perceptível também outra característica da fonética insular. Assim, ao som que na língua padrão se representa por *o* ou por *e* com a pronúncia de [o], ou [e], corresponde nas mesmas palavras o som [u]. Vasconcelos dá ainda mais exemplos do fenómeno [1892: 293]:

soa ['sua]
 vergonha [verg'uŋa]
 flor ['flur]

Existe um outro fenómeno, chamado harmonização vocálica, provocado pelo timbre da vogal átona final [u] grafada como *-o* sobre a vogal [a] tónica da sílaba anterior. Neste caso, esta sofre uma modificação do timbre que a aproxima de [ɔ]. Assim, o *pato* soa quase como ['pɔtu] ou *gato* como ['gɔtu]. É um fenómeno presente em todas as ilhas, ocorrendo com mais regularidade na Ilha de São Miguel, Graciosa, Corvo e Porto Santo [Segura, Saramago, 2004: 230].

Observações finais

Como se originou então esta característica distintiva do falar terceirense? Por que razão a labialização vocálica não teve aí tanto sucesso? É difícil provar a evolução fonológica, mas a primeira explicação que nos é sugerida é a presença dominante da gente do norte, ao passo que a forte labialização, tão característica na Ilha de São Miguel, advém da presença de povoadores das regiões da Baixa, Alentejo e Algarve [Lindley Cintra, 1983] onde a vogal labializada tem muita vitalidade.

Das descrições precedentes podemos concluir que o dialeto terceirense na sua forma fonética oferece fenómenos próprios a este local. Por outro lado, apresenta outros fenómenos que, como vimos, são comuns a outros dialetos do arquipélago e aos do continente.

Referências bibliográficas

- BLAYER, I. M. (1992), *Aspects of the Vocalic System in the Speech of the Azores Islands*, Ph. D. Diss., University of Toronto, Toronto.
- BLAYER, I. M. (2004), “Variação Linguística no Português Europeu: O caso do Português dos Açores”, *Estudos Linguísticos*, 7, 1, Londrina, pp. 43-60.
- CÂMARA BORGES, N. (1960), *Influência anglo-americana no falar da ilha de S. Miguel (Açores)*, RPF, Suplement II, Coimbra.
- LEITE DE VASCONCELOS, J. (1890-92), “Dialectos Açoreanos (Contribuição para o estudo da Dialectologia Portuguesa)”, *Revista Lusitana*, 2, Lisboa, pp. 289-307.
- LINDLEY CINTRA, L. (1983), *Estudos de Dialectologia Portuguesa*, Sá da Costa, Lisboa.
- SEGURA, L., SARAMAGO J. (2001), “Variedades dialectais portuguesas”, *Caminhos do Português: Exposição Comemorativa do Ano Europeu das Línguas (Catálogo)*, Biblioteca Nacional, Lisboa, pp. 221-237.
- SILVA RIBEIRO, L. (1983), “Formação do Povo dos Açores: Subsídio para o seu estudo”, *Obras II*, Instituto Histórico da Ilha Terceira, Secretaria Regional da Educação e Cultura, Angra do Heroísmo, pp. 45-68.